

O INQUÉRITO DA *REVISTA DO BRASIL* (1940) SOBRE OS RUMOS DA LITERATURA BRASILEIRA

L'ENQUÊTE DE LA *REVISTA DO BRASIL* (1940) SUR LES CHEMINS DE LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE

Tania Regina de Luca *

Correspondência

Av. Dom Antônio, 2100, Parque Universitário.

Assis – São Paulo – Brasil. CEP: 19806-900.

E-mail: trdeluca@uol.com.br

Resumo

O objetivo desse texto é analisar o inquérito sobre os rumos da literatura brasileira, levado a cabo no primeiro semestre de 1940 pela *Revista do Brasil* (1938-1943), então em sua terceira fase. Antes de explicitar os termos em que o mesmo foi organizado, os participantes da empreitada e seus resultados, importa historicizar a prática dos inquéritos bem como a trajetória da revista que o propôs e o contexto no qual o mesmo foi realizado.

Palavras-chave: inquérito; Revista do Brasil (1938-1943); Modernismo.

Résumé

Le but de cet article est d'analyser l'enquête à propos des chemins de la littérature brésilienne, publiée pendant le premier semestre de 1940 dans la *Revista do Brasil* (1938-1943), à leur troisième phase. Avant d'explicitier les termes du projet, sa manière d'organisation, ses collaborateurs et ses résultats, il faut mettre en évidence l'historicité de la pratique des enquêtes, montre la trajectoire de la revue et aussi le contexte dans lequel l'enquête a été réalisée.

Mots-clés: enquête; Revista do Brasil (1938-1943); Modernisme.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Livre-Docente do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Bolsista de Produtividade (CNPq).

Este artigo estrutura-se em duas partes: na primeira discute-se a origem das enquetes, inquéritos e sondagens no contexto europeu de meados dos oitocentos e sua ampla difusão na imprensa, que fez da entrevista um dos gêneros jornalísticos praticados em larga escala, inclusive entre nós. Em seguida, analisam-se as características da *Revista do Brasil* (1938-1943) em seu terceiro momento de circulação, que se deu em plena vigência do Estado Novo; os termos e as estratégias utilizadas para colocar em prática o inquérito proposto, o perfil dos participantes e os resultados obtidos.

Inquéritos, enquetes, sondagens

Os três termos citados, ainda que guardem especificidades consagradas pelo seu uso social,¹ compartilham um amplo campo semântico, que remete às ações de inquerir, investigar, apurar fatos ou opiniões por meio de procedimentos diversificados, dentre os quais se destacam a entrevista, a aplicação de questionários, com diferentes graus de estruturação, a observação e a pesquisa.

A urgência de colocar em prática esse tipo de investigação articulou-se às profundas transformações sociais conhecidas pelo Ocidente a partir das últimas décadas do século XVIII, com o processo de construção dos Estados Nacionais e do mundo urbano-industrial. “As palavras são testemunhas que muitas vezes falam mais altos que documentos”, segundo a formulação de Eric Hobsbawm, que elencou um conjunto de vocábulos inventados, ou que ganharam seu significado moderno, entre 1789 e 1848 – indústria, industrial, fábrica, capitalismo, aristocracia, classe média, classe trabalhadora, proletário, greve, pauperismo, socialismo, liberal, conservador, nacionalidade, ideologia, ferrovia, engenheiro, cientista, crise econômica, utilitário, estatística, sociologia, jornalismo.²

Os novos desafios e demandas provenientes de diferentes setores sociais convidavam a conhecer – e intervir – na realidade, esforço levado a cabo por agentes do poder público, entidades da sociedade civil e estudiosos. Seus resultados evidenciavam-se na multiplicação, a partir da década de 1830, de sucessivos inquéritos sobre a saúde da população, as enfermidades e febres; as condições sanitárias nas grandes

¹ Na contemporaneidade, inquérito diz respeito, sobretudo, às medidas que visam apurar a verdade de fatos atinentes à ordem administrativa, jurídica, parlamentar ou policial, com vistas a imputar responsabilidades por alguma irregularidade, delito ou crime, enquanto o uso de enquete e sondagem demarca pesquisas nos campos político, sociológico e de mercado. De forma mais precisa, pode-se definir sondagem como um tipo específico de enquete, ancorada em metodologia estatística, com vistas a assegurar a representatividade da amostra estudada, que deve fornecer dados precisos sobre o que se intenta conhecer. Tal configuração, contudo, está longe de ser estática, uma vez que o sentido das palavras transforma-se no decorrer do tempo, em resposta às necessidades dos que delas se valem e às circunstâncias e possibilidades sociais nas quais os utentes estão inseridos.

² HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções (1789-1848)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 17.

idades, com seus bairros insalubres ocupados pela nascente classe operária; o regime de trabalho vigente nas indústrias; as causas da miséria e do pauperismo, problemas que se manifestavam de maneira aguda na Inglaterra, então o país mais rico e industrializado.³

Motivações de ordem moral e religiosa mesclavam-se a interesses bem concretos, oriundos das forças policiais e dos governos, preocupados em encontrar remédios para a chamada “questão operária”, encarada como uma ameaça para a ordem estabelecida. Entre os exemplos nessa direção cabe citar o *Factory enquiry commission* (1833), *Enquiry into the sanitary condition of the labouring population* (1842), *Children’s employment commission* (1842-1843), *Commission for the inquiry into the state of large towns* (1844), fontes para o famoso *A condição da classe trabalhadora em Inglaterra*, publicado em 1845 por Engels,⁴ enquanto na França merece destaque o *Tableau de l’état physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine et de soie* (1840) do médico Louis René Villermé.

O movimento operário também se propôs a organizar suas próprias pesquisas e Marx elaborou, a pedido da *Revue Socialiste*, um questionário dividido em quatro seções e composto por cento e uma perguntas, a sua célebre enquete operária de 1880, um convite para que os trabalhadores refletissem sobre suas experiências concretas, por estimular “os respondentes a explorarem o universo das condições de trabalho e de remuneração ligadas às relações de produção capitalistas”, configurando-se enquanto prática política e assumindo explicitamente uma dada posição, sem se refugiar no discurso da neutralidade.⁵

Os avanços no regime democrático, com a extensão da representação e do direito de voto, duramente conquistado no decorrer dos oitocentos pelas camadas menos abastadas e sistematicamente negado às mulheres, alteraram, por seu turno, as práticas de governança e exigiram que se conhecesse e levasse em conta a tendência do eleitorado e o rumor das ruas. Tal preocupação incentivou a realização de sondagens de opinião que, apenas a partir dos anos 1930, com a criação de institutos por George Gallup, Elmo Romer e Archibald Crossley, sofisticaram-se em termos de previsões baseadas em amostras e permitiram obter resultados acurados. Além dos pleitos eleitorais, as empresas especializaram-se em pesquisas e estudos voltados para os interesses do mercado.⁶

Neste investimento de compreensão do real, a imprensa jogou papel importante não apenas como difusora de diagnósticos e propostas, mas também enquanto produtora de inquéritos, enquetes e sondagens. Em sua análise sobre a origem dos

³ Para uma análise histórica, de larga amplitude espaço temporal, consultar: ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1994.

⁴ HOBBSAWM, Eric J. Prólogo. In: ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Porto: Ed. Afrontamento, 1975, p. 5-22.

⁵ THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985, p. 105. O autor reproduz o questionário de Marx, p. 249-256.

⁶ Sobre o histórico das sondagens, consultar: DURANT, Claire. *Historique et conditions d’apparition des sondages en tant qu’outil de recherche et de connaissance*. Texto disponível em: www.faz.umontreal.ca/socio/durandc/Enseignement/MethodesDeSondage/histoire.pdf. Acesso em 08 jul. 2016.

gêneros específicos do fazer jornalístico, Marie-Ève Thérénty chamou atenção para a entrevista, que se espalhou pelos periódicos franceses a partir das décadas de 1870 e 1880 e que exigia a presença do repórter no palco dos acontecimentos, fosse para dar conta de algum *fait-divers*, um conflito armado, uma grave crise política ou uma dada situação social. Evidencia-se, assim, a sua vocação democrática, afinal qualquer indivíduo era passível de se tornar testemunha do que vira ou das condições a que estava submetido, o que “*contribue même plutôt à égaliser les paroles, comme le montre notamment la généralisation de l’enquête sociale: toutes les voix cohabitent dans le quotidien, qui orchestre une véritable polyphonie sociale pour la première fois de son histoire*”.⁷

No caso específico da enquete social patrocinada pelos grandes jornais, tratava-se de conduzir o leitor para um mundo que não lhe era familiar, expor mazelas e trazer à luz do dia realidades subterrâneas, o que implicava em dar conta do que se dizia nos becos de má reputação, cortiços, interior das fábricas, prisões e manicômios, ainda que figurado num enredo discursivo que não objetivava questionar a ordem social, distanciando-se, portanto, do registro que vigorava nas folhas mantidas pelo movimento operário organizado. Exemplo paradigmático é a *Enquête sur la question sociale en Europe* (1892), de Jules Huret (1863-1915),⁸ que adquiriu reputação de exímio entrevistador.

Não por acaso, a produção especializada destaca a concomitância entre a literatura naturalista e o florescimento desse tipo de narrativa nos periódicos, afinal, ao longo do século XIX e em parte do XX, não havia como estabelecer fronteiras rígidas entre escritores e jornalistas,⁹ razão pela qual os textos presentes nos cotidianos mobilizavam técnicas ficcionais, sem se limitar reproduzir falas e descrever fatos.¹⁰

Os próprios escritores, colaboradores e frequentadores assíduos das redações foram convidados a se pronunciar, a exemplo do que ocorreu na *Enquête sur l'évolution littéraire*, publicada no *L'Echo de Paris* entre março e julho de 1891, no que Huret denominou de "reportagem experimental". Ele entrevistou sessenta e quatro

⁷ THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien*. Poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Seuil, 2007, p. 334. [“contribui significativamente para igualar as falas, como demonstra notadamente a generalização da enquete social: todas as vozes coabitam no cotidiano, que orchestra uma verdadeira polifonia social pela primeira vez em sua história”.] As traduções livres são de responsabilidade do autor.

⁸ As entrevistas de Huret, que percorreu diversas cidades do continente e conversou com industriais, operários, engenheiros e líderes políticos, foram publicadas no *Le Figaro* a partir de 1892 e reunidas em livro em 1898. A obra está disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24317w.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2016.

⁹ Para o caso da França, ver: DELPORT, Christian. *Les journalistes en France (1880-1950)*. Naissance et construction d'une profession. Paris: Seuil, 1999, que estudou a emergência, edificação e legitimação da profissão de jornalista na França, processo que, segundo o autor, estendeu-se até meados do século XX.

¹⁰ Além do estudo já citado de Thérénty, ver: SEILAN, Jean-Marie. L'interview. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe, THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. (Org.). *La civilisation du journal*. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011, p. 1023-1040.

personalidades das mais destacadas no campo literário francês para compor um retrato das diferentes tendências então em disputa.¹¹

É importante notar que não se tratava de investigar uma situação ou um acontecimento, como no caso das pesquisas de Huret sobre a questão social, o incêndio num bazar de caridade (1897) ou as greves que se espalharam pela França em 1902, para citar apenas alguns dos temas que ele abordou. O diálogo com um colega do mundo letrado, sob o pretexto de obter sua opinião a respeito de algo, constituía-se, em si mesmo, no acontecimento a ser registrado e narrado em detalhes: como e onde ocorreu o encontro, sua duração, detalhes da intimidade do entrevistado, o tom em que transcorreu a conversação, enfim, compunha-se um cenário marcado pela referencialidade, mas que também comportava inventividade e imaginação, o que dotava as entrevistas de sabor e interesse, procedimento aliás característico do gênero, independente de quem fosse o interlocutor.¹²

A circulação internacional das soluções adotadas nos impressos periódicos em termos materiais, de conteúdo, estruturação interna e da própria escritura jornalística, é atestada pela rapidez com que se observa a difusão de padrões em diferentes partes do globo, graças às novas possibilidades abertas pela revolução nos transportes (ferrovias, navios a vapor) e pela velocidade da marcha das informações, propiciada pelo telefone, telégrafo, cabos submarinos e pelas agências de notícias. Essas mudanças de ordem técnica afetavam as percepções de espaço e de tempo e impunham sentido e urgência inéditos ao que se entendia por notícia. O folhetim, a crônica, a reportagem, a entrevista e os inquéritos também ocupavam as páginas dos periódicos brasileiros, numa sincronia que torna obsoleta a ideia de atraso e tampouco pode ser apreendida a partir da noção de cópia.¹³

Inquéritos e enquetes na imprensa brasileira

Paulo Barreto (1881-1921), o João do Rio, também realizou sua “reportagem experimental”, termo que mobiliza em *O momento literário*. A exemplo de Huret, ele entrevistou a nata dos nossos escritores (e uma única escritora) ao longo de 1905 para a *Gazeta de Notícias*, então um dos principais jornais em circulação no Rio de

¹¹ Em sintonia com a prática vigente, o material foi reunido em livro ainda no decorrer de 1891, sinal do interesse que despertou. A autodefinição “*reportage expérimental*” encontra-se na dedicatória da obra, ofertada ao diretor do *L’Echo*, Valentin Simond. O livro está disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k49807k.pdf>. Acesso em 9 jul. 2016.

¹² A *Enquête* de Huret é anterior ao caso Dreyfus que, em fins da década de 1890, dividiu a França e está na origem da noção de intelectuais enquanto grupo distinto e dotado de identidade coletiva, que ocupa o espaço público e se posiciona a respeito de temas políticos. No caso do capitão, o protagonismo coube a Zola, um dos entrevistados por Huret em sua enquete. Sobre a noção de intelectual, ver: CHARLES, Christophe. *Naissance des “intellectuels” (1880-1900)*. Paris: Editions du Minuit, 1990 e WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

¹³ Sobre o tema, ver: ABREU, Márcia; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. (Orgs.) *The cultural revolution of the nineteenth century. Theatre, the book-trade and reading in the transatlantic world*. London: I. B. Taurus, 2016.

Janeiro.¹⁴ Na apresentação da série, publicada em livro em 1908 pelo editor Garnier,¹⁵ além de justificar a empreitada pela “curiosidade malsã, quase excessiva” do público, – “não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores” – ele apontou as novas características da crítica, entendida como “reportagem dos autores”:

Só dominam hoje os que vão ao local, indagam, veem e escrevem com o documento ao lado. A crítica passou a ser uma consulta experimental, como a fazem Brisson e Huret, e eu posso assegurar que tenho uma impressão muito mais justa e exata de Zola ou de Rostand, quando Brisson os narra numa de suas entrevistas, que lendo toda a panegírica todos os insultos de que o *Cyrano* e a *Terre* tenham sido causa.¹⁶

O inquérito, denominação adotada para o projeto, estruturava-se em questões a serem respondidas por meio de entrevista ou carta, esta última destinada “para os que estão fora do Rio ou são muito reservados”.¹⁷ Em termos de conteúdo, as perguntas formuladas por Huret e João do Rio muito pouco tinham em comum, o que não impede de aproximar os empreendimentos enquanto fabricação midiática.¹⁸

Não são poucos os exemplos de enquetes e inquéritos feitos com personalidades do mundo da cultura a ocupar as páginas de jornais e revistas brasileiros das primeiras décadas do século XX, momento em que esses termos eram utilizados como sinônimos, ainda que se observe predominância no emprego do segundo. Veja-se o panorama traçado em 1934 pela *Revista Acadêmica* (RJ, 1933-1948), fundada pelos estudantes da Faculdade Nacional de Direito, quando da apresentação do primeiro inquérito que organizou:

¹⁴ Segundo BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil*. 1900. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 323, a enquete de Jules Huret foi “o modelo do *Momento literário*, inquérito realizado por João do Rio na *Gazeta de Notícias* em 1905, e que teve a maior repercussão no país fazendo com que nos estados os jornais o aplicassem às suas literaturas”.

¹⁵ O livro não indica a data de publicação, mas por comentário publicado em jornais sabe-se que veio a público em 1909. Ver: Binóculo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 jan. 1909.

¹⁶ Rio, João do [Paulo Barreto]. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d [1908], p. XI-XII. Referência a Adolphe Brisson (1860-1925), jornalista, filho de Jules Bresson, fundador dos *Annales politiques et littéraires*, dos quais se tornou diretor a partir de 1902 com a morte do seu pai.

¹⁷ Rio, João do [Paulo Barreto] *O momento literário*, *Op. cit.*, p. XVII.

¹⁸ Nesse sentido, veja-se a forma como João do Rio descreveu sua chegada à casa de Olavo Bilac: “A casa do poeta é de uma elegância delicada e sóbria. Ao entrar no jardim, que é como um país de aromas, cheio de rosas e jasmims, ouvindo ao longe o vago anseio do oceano, eu levava na alma um certo temor. Eram oito horas da manhã, apenas oito horas. A rua parecia acordar naquele instante, os transeuntes passavam com o ar de quem ainda tem sono, e o próprio sol, muito frio e formoso, parecia bocejar no lento adelgaçar das névoas.

— Só muito cedo encontrar-me-ás em casa, dissera ele, e eu mesmo sabia que o cantor do *Caçador de Esmeraldas* acorda às cinco da madrugada, escreve até as dez, sai e não recolhe senão depois da meia-noite, porque o entristece ficar num gabinete sem outra alma, à luz dos bicos de gás. Quando, porém, ia tocar o timbre de um velho bronze, o meu receio desapareceu. Estavam as portas da sala abertas e eu via Bilac curvado sobre a mesa a escrever.

— Pode-se importunar?

— Ó ave madrugadora! Tu por aqui?

Ergueu-se com a sua aristocrática distinção. Estava todo vestido de linho branco, a camisa alva com punhos e colarinhos duros”. RIO, João do [Paulo Barreto]. *O momento literário*, *Op. cit.*, p. 1-2.

Já se tem feito *enquêtes* de todo o jeito. Quase todas visando um fim prático. A revista francesa *Vu* [Paris, 1928-1940] (A França é quem mais explora essa espécie de reportagem) já fez umas quantas. Uma delas, por exemplo, utópica por excelência, de pouca utilidade portanto, pretendia saber como seria possível acabar com a guerra. Que *enquête!*... Dando a impressão que *Vu* não vê... O *Rumo* [RJ, 1933-1934], aqui no Rio fez uma interessantíssima, querendo saber quais os vinte melhores livros brasileiros. E, mais recentemente, a *Noite Ilustrada* [RJ, 1930-1954], indagando qual o mais belo verso brasileiro. Lembremo-nos, a propósito, dos artigos de Valdemar Cavalcante e de Marques Rebelo no *Boletim de Ariel* [RJ, 1931-1939] e passemos adiante. Chegamos à nossa.

E a dos futuros bacharéis tinha um objetivo bem determinado, tratava-se de saber “Quais os livros que, pela clareza expositiva e condensação teórica, são necessários à formação de uma cultura socialista?”. Entre os que se dispuseram a responder estavam Caio Prado Júnior, Carlos Lacerda, então estudante e na sua fase comunista, Oswald de Andrade, Tomás Santa Rosa e Leônidas de Resende que, ao lado de Hermes Lima e Castro Rebelo, formava o grupo de professores simpáticos ao marxismo da Faculdade.¹⁹

O exemplo da *Revista Acadêmica*, sempre dirigida por Murilo Miranda, é particularmente relevante pois de publicação estudantil, aliás como indica a sua própria denominação, acabou por ocupar espaço próprio entre os impressos culturais das décadas de 1930 e 1940, a despeito de sua periodicidade irregular.²⁰ O conjunto de inquéritos que propôs indica o quanto a escolha das temáticas pode informar sobre o contexto político, pois ao primeiro, no qual abertamente se abraçava uma posição do espectro ideológico, seguiram-se outros sobre os dez melhores contos brasileiros, os dez melhores romances, os dez melhores livros da Coleção Brasileira,²¹ eleições levadas a cabo no contexto do Estado Novo, marcado pelo estrito controle da informação e pela impossibilidade de participação dos indivíduos na vida pública.

Não se considere, porém, que escolhas como as citadas não se apresentassem enquanto oportunidades para debates no campo estético. Graciliano Ramos questionou o sentido do esforço da *Acadêmica* ao pontuar que a revista

(...) assanhou há meses um vasto eleitorado para escolher os dez melhores contos brasileiros e agora pretende arranjar a lista dos dez

¹⁹ *Revista Acadêmica*, n. 8, s/p, 1934. Por vezes a revista não indicava o mês de publicação e tampouco numerava as páginas. A voga da consulta aos intelectuais era confirmada pela reprodução, nesse mesmo número, de resposta remetida por Mário de Andrade a uma revista francesa (não especificada), que organizou um “inquérito sobre a sobre a decadência da influência francesa no Brasil”.

²⁰ Sobre a trajetória da revista e sua importância no cenário do período em que circulou, ver: ANTELO, Raul. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984 e PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. *Os afrescos nos trópicos*. Portinari e o mecenato Capanema. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

²¹ O inquérito sobre os dez melhores contos brasileiros iniciou-se no n. 38, ago. 1938 e perdurou até o n. 43, abr. 1939, que trouxe o resultado. Seguiu-se outro sobre os romances (n. 44, jun. 1939, ao n. 55, set. 1940), os livros da Brasileira (n. 51, set. 1941, ao n. 612, ago. 1942) e um, inacabado, sobre os dez melhores romances do mundo (n. 58, out. 1941).

melhores romances. Ignoramos as intenções do sr. Murilo Miranda: que desejará ele fazer com essas vinte obras notáveis, graúdas e miúdas?²²

Já Mário de Andrade seguia direção oposta e, no caso da escolha dos romances, destacou a representatividade do colégio eleitoral “tanto pelo seu número, como por conter a maioria das personalidades mais significativas da nossa inteligência moderna”, fatores que fariam do resultado final “um indicador suficientemente sensível, embora não completo, das tendências, da sensibilidade e do espírito cultural moderno do Brasil”. Tal avaliação não o impedia de levantar questionamentos em relação às balizas da inquirição em si, ancorada numa pergunta genérica e que ignorava as dificuldades de se distinguir entre romance e novela, além de silenciar a respeito de obras que retomavam assuntos ou personagens ou que constituíam ciclos. Aliás, a questão das definições e classificações já fora objeto de reflexões do autor no momento da escolha dos dez melhores contos, quando discorreu sobre os desafios de caracterizar de modo preciso esse tipo de produção ficcional.²³

As enquetes agitavam o mundo da cultura, assim como os prêmios literários, que se multiplicaram nas décadas de 1930 e 1940, momento de ampla expansão do mercado editorial. As propostas e os termos nos quais eram formuladas, os resultados parciais, a escolha dos participantes eram noticiados e comentados pelos demais órgãos de imprensa, suscitavam debates e davam origem a novas intervenções. A título de exemplo, registrem-se as notas publicadas no jornal literário *Dom Casmurro* (RJ, 1937-1945) a propósito da enquete da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, que perguntou aos intelectuais da cidade: “Qual o livro que você desejaria ter escrito?”, a levada a cabo por *Diretrizes* (RJ, 1938-1944) sobre “Os intelectuais e os problemas da cultura do país”, ou a da *Folha da Manhã* (SP, 1925-1960) que pretendia saber se “Pode o escritor brasileiro viver da literatura?”²⁴ Já a *Revista do Brasil* reproduzia artigo de Osório Borba, publicado originalmente em *O Jornal*, a respeito de enquete realizada no Rio Grande do Sul com o seguinte questionamento: “Existe no Brasil a profissão literária?”²⁵

Os exemplos evidenciam as múltiplas possibilidades de análise que o trabalho com esse tipo de documentação propicia.

²² RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962, p. 200, crônica de agosto de 1939.

²³ Ver, respectivamente, ANDRADE, Mário de. Um inquérito. *Revista Acadêmica*, n. 47, s/p, nov. 1939 e ANDRADE, Mário. Contos e contistas. *Revista Acadêmica*, n. 42, s/p, fev. 1939, ambos transcritos do jornal *O Estado de S. Paulo*. Os contos mencionados por Mário no inquérito da *Acadêmica* foram reunidos por RUFFATO, Luiz (Org.). *Mário de Andrade: seus contos favoritos*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011, obra que reproduz a íntegra do inquérito.

²⁴ Ver: *Dom Casmurro*, Ano III, n. 116, p. 6, 02/09/1939; Ano III, n. 118, p. 7, 16/09/1939 e Ano IX, n. 194, p. 8, 05/04/1941, respectivamente.

²⁵ BORBA, Osório. Sobre a profissão literária. Resenha do Mês. *Revista do Brasil*, ano II, n. 16, p. 105-108, out. 1939, o que bem indica o padrão de circulação de textos e ideias nos órgãos de imprensa.

Revista do Brasil, terceira fase

Durante os quinze anos do primeiro governo Vargas, um rol diversificado de revistas literárias e culturais veio a público, entre as quais a *Revista do Brasil* em sua terceira fase, relançada em julho de 1938 sob a responsabilidade do jurista, Ministro do Tribunal de Contas da União e historiador Otávio Tarquínio de Souza, renovador do gênero biográfico e editor da importante coleção Documentos Brasileiros, da Editora José Olímpio, que aglutinava expressivo grupo de intelectuais na célebre livraria da Rua do Ouvidor.²⁶ A chancela da revista pertencia a Assis Chateaubriand, que a adquiriu em meados de 1925, quando da falência dos negócios editoriais de Monteiro Lobato. O título atraiu a atenção do dono de *O Jornal*, que então iniciava a formação de seu império jornalístico, pois se tratava de publicação que desfrutava de prestígio no mundo letrado e que somou 113 números publicados entre janeiro de 1916 e maio de 1925. Não tardou para que ele a revivesse e, em setembro de 1926, foi lançado o primeiro exemplar da segunda fase, que sobreviveu até janeiro do ano seguinte e somou dez edições. As expectativas de Chateaubriand, que desejava lançar uma publicação barata e com larga vendagem, não se confirmaram²⁷ e foi somente mais de uma década depois que o título ressurgiu, já no contexto da ditadura varguista.

É patente o esforço para manter algumas características da primeira fase: a capa era praticamente idêntica a dos anos iniciais, bastante sóbria e com a maior parte ocupada pelo índice do volume. A tradição era evocada pela informação “fundada em 1916”, estampada logo abaixo do título. Ainda que a publicação estivesse inserida num contexto histórico e num clima cultural bastante diverso do período 1916-1925, é perceptível a intensão de estabelecer continuidade com a experiência pregressa. Assim, a diversidade de assuntos, a preocupação com os problemas nacionais, encarados de uma perspectiva ampla, foram a tônica e até mesmo certas seções da primeira fase ressurgiram.

Sob a batuta de Otávio Tarquínio, e com Aurélio Buarque de Holanda na secretaria da redação a partir de agosto de 1939, a revista reuniu um conjunto muito expressivo de colaboradores, fosse na parte inicial, que continha ensaios inéditos e produção literária, ou nas diversas seções, de tal modo que é difícil encontrar nomes de destaque que não tivessem ocupado as suas páginas.²⁸ Até setembro de 1942, circularam 51 números, sem qualquer interrupção. Frente à crise do papel, cada vez

²⁶ Sobre Otávio Tarquínio, ver: LIMA, Alceu Amoroso. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. 141-42 e GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço*. Biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. Para a importância da coleção Documentos Brasileiros, consultar: FRANZINI, Fábio. *A sombra das palmeiras: a coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. Sobre a José Olympio, ver: SORA, Gustavo A. *Brasílianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo, EDUSP, 2014.

²⁷ Sobre o período, consultar: IKEDA, Marilda A. Balieiro. *Revista do Brasil - 2ª fase*. Contribuição para o estudo do modernismo brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1975.

²⁸ Veja-se, a título de exemplo, algumas seções e seus responsáveis: Rachel de Queiroz (*Cinema*), Mário de Andrade e Guilherme de Figueiredo (*Crônica musical*), Robert Garric (*Momento literário na*

mais acentuada à medida que a guerra se desenrolava na Europa, a periodicidade passou de mensal a trimestral e outras cinco edições foram lançadas, o que perfaz os 56 exemplares da terceira fase, encerrada em dezembro de 1943.

Sobre a importância do periódico cabe evocar o testemunho de Otto Lara Resende, segundo o qual se trata de

(...) publicação que, sozinha, pode dar uma boa notícia do que era a vida literária e cultural do Brasil naqueles anos sombrios, com a ditadura do Estado Novo aqui dentro e, lá fora, a conflagração mundial, no confronto de vida ou de morte entre as democracias e o nazi-fascismo.

O jovem escritor, recém-chegado ao Rio de Janeiro, “um neófito, sem títulos”, conheceu o secretário Aurélio Buarque e atribuiu à generosidade deste o fato de ter artigo publicado na “prestigiosa e quase inatingível *Revista do Brasil*”.²⁹

A linha editorial do periódico distinguiu-se pela crítica ao projeto cultural do Estado Novo, uma vez que defendeu, de forma intransigente, o individualismo, a democracia liberal e os Aliados, o que não significou, porém, recusa integral das ações e propostas governamentais, especialmente as capitaneadas pelo ministro Gustavo Capanema, para cuja pasta prestaram serviços vários dos nomes ligados à *Revista do Brasil*. De fato, houve considerável grau de ambiguidade na relação entre os intelectuais e as propostas do governo no campo da cultura e não se pode menosprezar o fato de que muitas delas correspondiam a anseios longamente acalentados. Como bem assinalou Bomeny, “os intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX leram a modernização do país considerando fortemente a aposta de intervenção do Estado na articulação e/ou modernização de forças sociais,”³⁰ tanto que não se furtaram a participar no momento em que a tão solicitada presença do poder público tornou-se efetiva.

O inquérito da *Revista do Brasil*

A revista, que mais se assemelhava a um livro, fosse pelas dimensões (23 por 16 cm), média de uma centena de páginas e uso muito parcimonioso de imagens, raramente presentes e nunca utilizadas como mero adornos para aligeirar o conteúdo, não se particularizou pelo recurso aos inquéritos, bem mais frequentes entre as congêneres que lhe foram contemporâneas. Em consonância com o alto padrão cultural que a distinguiu, os esforços concentraram-se na produção volumes temáticos:

França), Augusto Frederico Schmidt (*Letras francesas*) Otto Maria Carpeaux (*Letras europeias*), Lúcia Miguel Pereira (*Letras portuguesas*), Luís Jardim (*A margem de revistas estrangeiras*) Austregésilo de Ataíde (*Política internacional*).

²⁹ RESENDE, Otto Lara. Borboletas e solecismos. *Revista USP*, n. 2, p. 38, jun./jul./ago. 1989.

³⁰ BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, Helena. (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 20.

um dedicado ao centenário de nascimento de Machado de Assis, outro ao cinquentenário da Proclamação da República e, por fim, o relativo ao romance brasileiro, números que reuniram os mais afamados especialistas sobre cada uma das temáticas.³¹ Ao longo de cada edição, a crítica literária ocupava espaço dos mais importantes, não apenas nas seções especializadas – *Letras francesas*, *Letras portuguesas*, *Letras europeias*, *Letras norte-americanas*, com perenidade variável – mas também nos artigos, que constituíam séries, como a dedicada aos poetas, com estudos circunstanciados publicados ao longo de 1938 a respeito das obras de Alphonsus de Guimaraens, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Castro Alves, sob a responsabilidade de Manuel Bandeira, Lúcia Miguel Pereira, Jorge de Lima, Afonso Arinos, Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade, respectivamente.

Em vista da posição ocupada pela publicação no mundo letrado, é lícito supor que o anúncio da realização do *Inquérito da Revista do Brasil acerca das tendências atuais da literatura brasileira*, tenha atraído a atenção. A proposta, detalhada na seção *Notas e comentários*, de responsabilidade da redação, foi justificada nos seguintes termos:

É fora de dúvida que um grande movimento de renovação literária se vem processando entre nós de alguns anos a esta parte. Nada é mais perigoso do que julgar, sobretudo julgar a contemporaneidade, com todas as deformações que a proximidade impõe à visão crítica. Mas não será exagerado afirmar-se que, se alguns grandes nomes do passado não foram sobrepujados, o panorama literário é hoje mais rico, mais movimentado. Parece que se vai aos poucos dissipando aquela distância outrora tão sensível entre o país e os intelectuais. Há, ao contrário, uma grande curiosidade recíproca, estes a sondarem a vida nacional em muitas das suas manifestações, aquele a interessar-se um pouco mais pelas atividades do espírito.

Qual as determinantes dessa eclosão literária? (...) Os ensaístas, poetas, romancistas, biógrafos e críticos que hoje imprimem o seu cunho à literatura devem pelo menos tanto ao seu temperamento e aos seus dons como às influências que receberam.

Um largo inquérito, pelo qual se possa examinar o mais objetivamente possível os fatores que influíram na formação da atual literatura, e fixar as suas principais características e tendências, será o primeiro de uma série que a *Revista do Brasil*, fiel ao seu programa de integrar o mais possível a inteligência na vida do país, se propõe a realizar este ano, sobre vários problemas de interesse e alcance geral.³²

A iniciativa foi apresentada como a primeira de um rol sobre “vários problemas de interesse e alcance geral”, que acabou por não se concretizar. O projeto deve ser remetido ao seu contexto: o ano de 1940 marcava a passagem do primeiro decênio

³¹ Ver, respectivamente, *Revista do Brasil*, ano II, n. 12, jun. 1939; ano II, n. 17, nov. 1939 e ano IV, n. 35, maio 1941.

³² O inquérito da *Revista do Brasil* acerca das tendências atuais da literatura brasileira. Notas e comentário. *Revista do Brasil*, ano III, n. 20, p. 84, fev. 1940.

do movimento de 1930 e da presença de Vargas no poder, o que convidava à realização de balanços a respeito do caminho percorrido. O governo não mediu esforços para celebrar apropriadamente a data, com o Ministério da Educação e Saúde esmerando-se na elaboração da *Obra getuliana* que, afinal, não foi publicada,³³ e o DIP instituindo certame para premiar trabalhos que dessem conta das realizações do regime. Assim surgiu a coleção *Decenal da Revolução Brasileira*, formada por livros marcadamente apologéticos, de pequenas dimensões (18 por 12,5 cm), capa padronizada e na qual se informava “Obra premiada no concurso de monografias instituído pelo DIP” ou “Menção honrosa no concurso de monografias instituído pelo DIP”.³⁴ O “grande inquérito” da revista, e os demais que se intentava levar adiante, embora não tivessem a intenção de colaborar com o afã celebrativo do poder, ainda assim integravam a atmosfera do tempo, marcada pela produção de avaliações sobre o passado e prospecções para o futuro.

A justificativa da empreitada não foi assinada, o que a remetia para a alçada da direção, ou seja, Otávio Tarquínio e Aurélio Buarque, enquanto os objetivos estavam expressos no próprio título, além de serem retomados no texto que noticiou a iniciativa: “permitir delinear com certa precisão a fisionomia literária de nossa época”. Tal desejo já fora perseguido quatro anos antes num número de *Lanterna Verde* (RJ, 1934-1938; 1943-1944), o Boletim da Sociedade Felipe de Oliveira, fundada para honrar a memória do poeta que dava nome à agremiação. O dossiê preparado por Tristão de Ataíde tinha por título *O sentido atual da literatura no Brasil*, muito próximo, portanto, do que foi capitaneado pela *Revista do Brasil*. Aliás, é bom frisar que Otávio Tarquínio também era um dos diretores da Sociedade e respondia pelo seu *Boletim*, conforme se observa no editorial do número inaugural, de maio de 1934, que trouxe sua assinatura.

Lanterna Verde reproduziu o depoimento de Felipe d’Oliveira, datado de 1925, ao lado de um conjunto de ensaios assinados por Afonso Arinos de Melo Franco, Gilberto Freyre, Jorge de Lima, Lúcia Miguel Pereira, Manoel de Abreu, Murilo Mendes, Otávio de Faria, Renato de Almeida e do próprio Tristão de Ataíde, que fechava o volume e fazia às vezes de balanço das opiniões expressas pelos colaboradores. O organizador explicitou seu desejo de “estender muito mais o inquérito

³³ A respeito, ver: LACERDA, Aline Lopes de. Fotografia e propaganda política: Capanema e o projeto editorial *Obra getuliana*. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 103-139.

³⁴ Foram localizados quinze títulos, editados sob e responsabilidade do DIP, sendo sete publicados em 1941 – BARRETO, João Paulo de Mello. *Anchieta e Getúlio Vargas* (iniciativas e realizações); BARROS, Jayme de. *A política exterior do Brasil* (1930-1940), CARNEIRO, Erymá. *As autarquias e as sociedades de economia no Estado Novo*; CARTIER, Horácio. *Política sanitária*; DIAS, Luiz Rollemberg. *Aspectos e perspectivas da economia nacional*; GALVÃO, Francisco. *Diretrizes do Estado Novo*; GUIMARÃES, Osias *Amor à terra: realizações do decênio Getúlio Vargas no Nordeste Brasileiro* e outros oito em 1942 – CARVALHO, Luiz Antônio da Costa. *As realizações do governo Getúlio Vargas no campo do direito*; CARVALHO, Menelick. *A revolução de 30 e o município*; DUARTE, Cândido. *A organização municipal no governo Getúlio Vargas*; LACOMBE, Mercedes Dantas. *A força nacionalizadora do Estado Novo*; MACHADO, Leão. *Uma revolução em marcha*; MAIA, Jorge. *Um decênio de política externa*; IBIAPINA, Júlio Mattos de. *O Brasil de ontem e o de hoje*; REGO, Alcides Marinho. *A vitória do direito operário no governo Getúlio Vargas*.

e para isso nos dirigimos a alguns outros nomes que aqui não figuraram e que seriam capitais para esse estudo, como sejam Mario de Andrade, Manuel Bandeira e outros”, dos quais, contudo, ele não obteve a colaboração solicitada.³⁵

Depois de passar em revista as ponderações apresentadas nos artigos, Ataíde apresentava suas conclusões sobre o passado recente: “1. O modernismo não só existiu mas viveu (...), 2. O modernismo morreu (...), 3. A herança modernista foi maior em espírito do que em obras (...)” e outras três a respeito do momento atual: “1. A fase literária pós-modernista possui características próprias (...), 2. O espírito das letras atuais é mais grave, mais profundo, mais social e mais espiritual do que o modernismo” (...), 3. É prematuro todo juízo definitivo sobre a qualidade das nossas produções atuais”.³⁶ No contexto da década de 1930, marcado pela presença vigorosa do romance de cunho social, proclamava-se o fim do tempo das vanguardas e elencavam-se as características do que era percebido como um momento posterior, logo batizado de pós-modernismo.

Segundo se depreende do volume, continuava na ordem do dia a questão da primazia da renovação e o significado da Semana de Arte Moderna de 1922 e das revistas fundadas pelo movimento, a começar por *Klaxon* (SP, 1922-1923), tema espinhoso e em torno do qual estava longe de haver consenso. Nas páginas de *Lanterna Verde*, lamentavam-se três ausências marcantes: Felipe d’Oliveira, Graça Aranha e Ronald de Carvalho, o último falecido à época da publicação do número, que acabou por render homenagens a esses escritores. Segundo Gomes, “com os três nomes procurava-se também inventar uma outra genealogia e tradição para o movimento, mais centrada no Rio e menos apegada ao espetacular, se comparada àquela encimada pelos Andrades, Mário e Oswald”.³⁷

Tal leitura, que evidenciava as tensões que atravessavam o campo literário e as disputas em torno da construção da trajetória do modernismo no país, com diferentes grupos em disputa, não ficou sem resposta. A *Revista Acadêmica*, cujos responsáveis estavam muito próximos a Mário de Andrade, já em janeiro de 1937 estampou um longo artigo, atribuído a Carlos Lacerda, que contestava a síntese de Tristão de Ataíde.³⁸ Contudo, a tentativa de minimizar o modernismo e, mais particularmente, a corrente filiada à Semana, estava longe de circunscrever-se aos articulistas de *Lanterna Verde*, o que tampouco passou despercebido a Mário de Andrade. Em 1940, a elaboração da resenha do livro *Estética do modernismo*, de Ascendino Leite, ofereceu-lhe a oportunidade para expressar seu desacordo com um sintoma que, longe de ser exclusivo do resenhado, parecia firmar-se como dominante:

³⁵ ATAÍDE, Tristão de. Síntese. *Lanterna Verde*, n. 4, p. 85, nov. 1936. Observe-se que Ataíde utiliza o termo inquérito no sentido de estudo, pois o processo de organização do material foi bem diverso do adotado pela *Revista do Brasil* que não solicitou a produção de textos analíticos, antes apresentou um conjunto de questões fixas a serem respondidas.

³⁶ ATAÍDE, Tristão de. Síntese. *Lanterna Verde*, n. 4, p. 89, 93 e 95, nov. 1936, respectivamente.

³⁷ GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 97. Sobre a revista, ver também o trabalho de NAPOLI, Rosilis Oliveria de. *Lanterna Verde e o modernismo*. São Paulo: IEB, 1970.

³⁸ MONTEZUMA, Nicolau. Balanço do modernismo. *Revista Acadêmica*, n. 25, s/p, jan. 1937.

Ultimamente alguns representantes das gerações mais novas, verdadeiros recordistas do salto sem varo, se puseram a maldar do modernismo e a se julgar inteiramente isentos de qualquer influência desse tão próximo passado. Haja visto o curioso processo do modernismo, feito num dos números de *Lanterna Verde*. Ascendino Leite será o último em data e não o menos informado e bem aparelhado representante deste sintoma. O que ficou do modernismo? Quase nada, respondem; e passam a enumerar o que ficou.³⁹

A avaliação de Mário de Andrade antecedeu em um mês o lançamento do inquérito da *Revista do Brasil*, anunciado em fevereiro de 1940. É pouco provável que os promotores da empreitada esperassem encontrar um panorama literário muito diverso do delineado apenas quatro anos antes por *Lanterna Verde*. A diferença residia na estratégia escolhida, que consistia em enviar “a um grande número de intelectuais”, sem que se especificasse quais e quantos, um rol de questões que, segundo se acreditava, permitiriam captar os rumos da criação literária:

- I a) O modernismo representou um movimento crítico ou criador?
 b) Abriu novos rumos à literatura?
 c) Permanece o seu espírito?
- II a) Os acontecimentos do último decênio influíram sobre a nossa literatura?
 b) De que maneira?
 c) Deram-lhe um cunho mais nitidamente brasileiro?
- III a) Quais as tendências atuais da literatura brasileira?
 b) Refletem movimentos literários anteriores ao modernismo ou revelam um espírito novo?
 c) Quais as influências estrangeiras que predominam?⁴⁰

As indagações propostas giravam em torno de duas temáticas: o modernismo, aspecto central para o primeiro e o terceiro tópicos, a propósito do qual se solicitava uma tomada de posição, enquanto o segundo remetia às relações entre produção literária e o contexto político, com menção explícita ao decênio varguista que então se completava. É importante notar que a primeira pergunta foi formulada em termos excludentes (ou isso ou aquilo) e se não impedia que o colaborador questione os seus termos é, em si mesmo, indicativo da postura de quem a formulou. Esse aspecto foi criticado pouco depois da divulgação do inquérito por um contemporâneo: “Não vemos em que a crítica se opõe à criação. A crítica é também criação (...)”.⁴¹ Idêntica

³⁹ Resenha do livro de Ascendino Leite, *Estética do modernismo*, datada de 07/01/1940. ANDRADE, Mário de. O modernismo. In: ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Martins, 1972, p. 185.

⁴⁰ O inquérito da *Revista do Brasil* acerca das tendências atuais da literatura brasileira. Notas e comentários. *Revista do Brasil*, ano III, n. 20, p. 84-85, fev. 1940

⁴¹ MACHADO, Edgar de Godói Mata. O modernismo, um inquérito e algumas desonestidades. *Mensagem*. Quinzenário de arte e literatura, ano I, n. 18-19, p. 1, 15 abr. 1940.

postura nota-se na outra questão que evocou diretamente o termo modernismo, a segunda do terceiro grupo, relativa às tendências literárias atuais e na qual se demandava se as mesmas refletiriam movimentos anteriores ao modernismo ou se revelavam espírito novo. A estrutura da pergunta sugere um antes e um depois no qual o moderno parece figurar apenas como espaço intermediário, uma passagem que se atravessa conservando-se, em alguma medida, o que já se tinha ou, pelo contrário, deixando-se tudo para trás a fim de se fundar o novo.

A promessa de publicar as respostas a partir de março de 1940 foi de fato cumprida, porém o “grande inquérito” resumiu-se a onze respostas, que ocuparam as páginas da revista nos meses de março, abril, maio e julho. A ordem na qual os testemunhos vieram a público é um ponto a se considerar, uma vez que é bem provável que a publicação os tenha divulgado à medida em que foram recebidos pela redação, circunstância que permitia aos últimos depoentes ter conhecimento do que seus antecessores afirmaram. Eis a sequência: Jorge de Lima (1895-1953), Lúcia Miguel Pereira (1901-1959), Astrogildo Pereira (1890-1965) e Álvaro Lins (1912-1970) em março, Almir de Andrade (1911-1991), Mário de Andrade (1893-1945) e Jorge Amado (1912-2001) em abril, Jayme de Barros (1901-1986), Otávio Tarquínio (1889-1959) e Guilherme de Figueiredo (1915-1997) em maio e, fechando a série, Otávio de Freitas Junior (1920-1981) em julho.

Não há dados sobre a representatividade quantitativa da amostra, uma vez que não se sabe quantos indivíduos receberam o questionário, e tampouco há qualquer justificativa para o encerramento do inquérito em julho de 1940. O que se observa, de imediato, é a repetição de dois nomes que colaboraram no dossiê de *Lanterna Verde*: Jorge de Lima e Lúcia Miguel Pereira, esposa de Otávio Tarquínio e, nas duas oportunidades, a única representante feminina. Pouco mais de 54% das respostas provinham de nomes que eram presença constante nas páginas do periódico, seja por responderem por seções e/ou contribuírem com ensaios: Almir de Andrade, Jorge de Lima, Guilherme de Figueiredo, Lúcia Miguel, Mário de Andrade, além do próprio diretor Otávio Tarquínio, o que convida a supor que o inquérito tenha sido uma iniciativa do secretário da redação, Aurélio Buarque de Holanda, que possivelmente não se limitou às tarefas rotineiras de expedir as cartas convite e reunir as respostas.

A porcentagem significativa de colaboradores da revista presente na amostra indica que estes sentiram-se impelidos a responder à demanda feita pela redação, o que aponta para solidariedades e compromissos frente ao impresso, mas estava longe de implicar em uniformidade na maneira de apreender e tratar o problema. No cálculo do índice entraram apenas os mais assíduos, pois se o critério fosse ter figurado na revista, o montante atingiria quase 82%, uma vez que apenas Jaime de Barros e Jorge Amado não figuraram nas páginas do periódico.

No que tange à diferença de idade, pode-se divisar dois grupos: um nascido nas últimas décadas dos oitocentos (Otávio Tarquínio, Astrogildo Pereira, Mário de

Andrade e Jorge de Lima) e os demais, pertencentes à centúria seguinte e que surgiram no cenário literário depois da Semana de 1922 (Lúcia Miguel, Jayme de Barros, Almir de Andrade, Guilherme de Figueiredo e Otávio Freitas), registrando-se um distanciamento máximo de 31 anos entre os dois Otávios – Tarquínio, o mais velho, e Freitas Júnior, o mais jovem.

O grupo abriga autores de obras literárias – Guilherme de Figueiredo, Jorge Amado, Jorge de Lima e Mário de Andrade –, outros com reputação firmada na área da crítica – Álvaro Lins, Almir de Andrade, que respondeu pela seção *Livros* entre 1938 e 1940, Astrogildo Pereira, amigo muito próximo de Otávio Tarquínio e Lúcia Miguel Pereira –, um que a exercia de forma bissexta, o diplomata Jaime de Barros, autor de *Espelho de livros* (1936) editado pela José Olympio, e um jovem médico e crítico promissor, Otávio de Freitas Júnior, cujo livro de estreia, *Ensaio de crítica de poesia* (1941), foi publicado no Recife e recebeu o prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras.

Vê-se que, a despeito de ser quantitativamente modesto, afinal o número de *Lanterna Verde* reuniu dez contribuições e o da *Revista do Brasil* apenas uma a mais, o inquérito poderia ser considerado diversificado em termos de atuação no mundo letrado, grau de consagração, origens, trajetória de vida e coloração política – tanto que se conta com a presença de Astrogildo Pereira, fundador do Partido Comunista Brasileiro, e Almir de Andrade, o editor de *Cultura Política* (RJ, 1941-1945) – ainda que a proximidade com a redação da revista fosse um aspecto largamente compartilhado. Mais uma vez é importante frisar que não é possível determinar o quanto o perfil dessa amostra resultou de ação intencional ou foi produto aleatório, que congregou quem se dispôs a responder.

As respostas

As considerações remetidas à redação variaram consideravelmente de dimensões: alguns juntaram um ou mais itens e os responderam em poucas linhas, outros estenderam-se por páginas, respeitando rigorosamente a estrutura do questionário. O segundo conjunto de perguntas, relativo às relações entre criação literária e contexto do país, foi o que obteve as respostas mais homogêneas. Assim, reconhecia-se que os acontecimentos políticos do decênio anterior influenciaram nos rumos literários, ainda que Astrogildo Pereira insistisse em mudar os termos do problema e transferisse a ênfase para o campo das forças sociais, enquanto apenas Mário de Andrade e Guilherme de Figueiredo, que era muito próximo do poeta e cujo depoimento foi publicado no número subsequente ao de Mário, o fizeram de maneira bastante ácida, com o primeiro recusando-se a passar por cada um dos subitens. Para ambos, o ponto central era a ausência de liberdade, conforme se vê na transcrição das respectivas respostas:

II) Sim. Jamais a arte brasileira foi tão hipócrita como agora. Quase todo livro brasileiro que sai, é fácil perceber que ele se prolonga num outro livro que foi pensado mas não pode ser escrito (Mário de Andrade).

II a) A censura influi muito. Só ela.

b) e c) *Prejudicados*, como dizem os peritos nos laudos forenses (G, de Figueiredo).⁴²

Menções às inquietações a respeito do país, às temáticas destinadas a dar conta dos nossos problemas sociais, ao fato de a literatura apresentar cunho mais nitidamente brasileiro foram muito frequentes. Não por acaso Jorge Amado, representante do romance social dos anos 1930, foi categórico ao responder às questões:

II a) Influíram brutalmente. Se existe um anova literatura brasileira, deve-se a estes movimentos. Do bojo da revolução de 30 não saíram apenas transformações políticas. Saíram também os novos romancistas e ensaístas do Brasil.

b) Inicialmente encerrando o ciclo do modernismo ao afastar do poder a aristocracia cafeeira. Logo depois interessando o público nos problemas do Brasil, através da agitação que precedeu e sucedeu à revolução de 30. Esse público exigiu escritores que tratassem dos problemas debatidos, fosse em ensaios, fosse em romances. Esses escritores surgiram, então sendo avidamente lidos.

c) É claro que sim. Basta estabelecer uma ligeira comparação entre o atual momento literário do Brasil e o que o precederem para ver o avanço que este momento atual representa sobre os anteriores no sentido de refletir e criar, em função do Brasil. Note-se também quanto esse movimento literário atual é incomparavelmente mais liberto das influências estrangeiras que os que o precederam, modernismo inclusive.⁴³

As tensões, já perceptíveis nesse grupo de questões, afloraram com maior nitidez nas respostas que compõem o bloco de abertura, que demandavam a respeito do modernismo. A posição expressa em *Lanterna Verde* sobre o caráter destruidor do movimento foi reafirmada por todos que responderam ao inquérito mas, como era de se esperar, comportando diferentes matizes. Havia os que se compraziam em acentuar o aspecto destruidor para diminuir a relevância do movimento, a exemplo de Almir de Andrade:

O modernismo foi um movimento essencialmente crítico (...). Agitou, estimulou, provocou reformas de métodos e técnicas, destruiu e substituiu – mas nada produziu por si mesmo, nada de grande, nem de expressivo, nem de importante nos deixou que fosse capaz de ocupar o lugar das velhas coisas e contra as quais se insurgiu.⁴⁴

⁴² Ver, respectivamente: *Revista do Brasil*, Ano III, n. 22, p. 108, abr. 1940 e Ano III, n. 23, p.112, maio 1940, grifo no original.

⁴³ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 22, p. 111, abr. 1940.

⁴⁴ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 22, p. 103, abr. 1940.

Guilherme de Figueiredo tomava a postura iconoclasta como expressão de um sacrifício, renunciava-se à criação em prol da abertura do caminho; já Lúcia Miguel Pereira admitia que “foi criticando que o modernismo criou”,⁴⁵ enquanto Astrogildo Pereira, Jaime de Barros, Jorge de Lima e Mário de Andrade recusaram a opção expressa na formulação da pergunta e responderam que o modernismo foi tanto destruidor como criador.

Ainda que discordando quanto às suas realizações, quase todos admitiam que o movimento abriu novos rumos para a literatura. A dissonância ficou por conta de Álvaro Lins, que o saudava enquanto propiciador do surgimento de novas correntes, entretanto apressava-se em acrescentar que estas nada deviam às tendências que foram abraçadas pelos modernistas, enquanto Jorge Amado esclarecia, de saída, que o seu depoimento era de um “post-modernista, de um escritor que não teve a mínima ligação com esse movimento. Quando ele surgiu e cresceu, era eu aluno de escola primária e de curso ginásial (...). Estreando eu em 1931, com 18 anos, não tive nenhuma ligação com o modernismo”, declaração que não deixa de surpreender pela singeleza do pressuposto de que as influências literárias dependeriam de envolvimento direto. Sua avaliação, a mais crítica do conjunto, foi implacável:

b) O modernismo destruiu. Isso não deixou de ser útil. Literariamente, de muito importante, criou apenas certa libertação de fórmulas. No mais, nada. A sua língua é falsa, o seu estilo literário mais falso ainda, como escola o modernismo é um desastre. (...) O modernismo como escola literária teve muito pouco que ensinar aos modernos escritores do Brasil (...). Literariamente é que não vejo os rumos que esse movimento possa ter aberto para os novos escritores brasileiros. Eu, pelo menos, não tenho nos meus romances nenhuma ligação nem estilística nem ideológica com o modernismo. Que marcas deixou o modernismo em mim? Creio que honestamente nenhuma. Penso poder afirmar que o atual movimento literário brasileiro não é uma continuação do modernismo e, sim, um movimento inteiramente independente, muito mais preocupado em renovar o conteúdo.⁴⁶

As contribuições de Jorge Amado e Mário de Andrade foram ambas publicadas no exemplar de abril de 1940 e a opinião do autor de *Macunaíma* poderia ser tomada como uma réplica ao escritor baiano:

Falta-nos distância para decidir, desde já, se o Modernismo abriu novos rumos. Os que vieram depois dele sentem-se naturalmente muito distantes dele, e o renegam. Sem reparar que são exatamente idênticos aos que do Modernismo vieram, mas já lhe abandonaram a inquietação experimental.⁴⁷

⁴⁵ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 21, p. 107, mar. 1940.

⁴⁶ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 22, p. 110-111, abr. 1940.

⁴⁷ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 22, p. 108, abr. 1940.

No que respeita à permanência do espírito modernismo, a negativa e a insistência na sua transitoriedade e efemeridade predominaram, residindo a herança benfazeja na abertura de caminhos que, contudo, foram trilhados por outros. Já Astrogildo Pereira, Jaime de Barros, Otávio Tarquínio e Otávio de Freitas responderam positivamente, insistindo nas ações desbravadoras, no ambiente arejado, na inquietação e busca, cujo exemplo paradigmático, segundo Freitas, era Mário de Andrade e seu “espírito de pesquisa honesta, (...) livre, sincera, da expressão em Arte”.⁴⁸ Mário, por seu turno, não respondeu à questão.

O terceiro e último grupo de perguntas mirava o futuro e procurava delinear tendências, aliás o mote do inquerito. A falta de distanciamento crítico foi evocada, com Álvaro Lins, Almir de Andrade e Guilherme de Figueiredo pontuando ser impossível fazer qualquer afirmação; Mário de Andrade, de forma arguta, ponderou: “a não ser o canto da terra nordestina e o pragmatismo da arte social dirigida, não vejo tendências, vejo indivíduos”. Os demais recorreram a máximas genéricas: “efervescente” (Otávio Freitas Júnior), “penetrar a essência humana” (Lúcia Miguel), “mais universal” (Jorge de Lima), “drama social” (Jayme de Barros), “neorrealismo” (Tarquínio), “realismo romântico” (Jorge Amado). Apenas Astrogildo Pereira remeteu para as relações entre a literatura e a realidade do país e do mundo.

Essas incertezas e diagnósticos cambiantes acabavam por comprometer a segunda indagação, que versava sobre a presença de movimentos literários anteriores. A opção radical pelo novo foi feita por Álvaro Lins, Jorge Amado e Jorge de Lima, particularmente coerente, nos dois primeiros casos, com a argumentação até então apresentada pelo crítico e pelo romancista. Otávio Tarquínio, sempre muito econômico em todas as suas observações, serviu-se do termo renovação, não sem deixar de assinalar que “renovar não é criar do nada, mas tomar como base alguma coisa preexistente”,⁴⁹ Lúcia optou pelo neorromantismo e neorrealismo; Jayme de Barros ficou com o naturalismo; Mário referiu-se a “algum reflexo do romantismo,” uma constante da alma nacional, de acordo com o escritor; Otávio Freitas apostou no modernismo; enquanto Astrogildo, Guilherme de Figueiredo e Almir de Andrade escolheram a mescla entre vestígios anteriores e o próprio modernismo.

Entretanto, enquanto para os dois primeiros (Astrogildo e Guilherme) a convivência assumia feições positivas, para Almir, que elaborou longa resposta, ancorada em detida análise da produção literária do pós-30, a conclusão era oposta:

Nada mais artificial do que toma-lo [o modernismo] como um marco divisório entre o presente e o passado. Do modernismo surgiram muitas tendências novas; mas depois do modernismo muitas outras tendências se estão formando em sentido contrário a ele, procurando reviver antigas tradições literárias ou se aproximando sensivelmente do equilíbrio e da disciplina dos modelos clássicos.

⁴⁸ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 25, p. 110, jul. 1940.

⁴⁹ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 23, p. 111, maio 1940.

E direi mesmo com toda a franqueza: a literatura contemporânea só produzirá obras de verdadeira grandeza quando puder vencer os restos de agitação e de anarquia intelectual resultantes do movimento modernista (...).⁵⁰

Por fim, desejava-se saber a respeito das influências estrangeiras. O espectro de respostas comportava quem julgasse a questão destituída de sentido frente às inquietações compartilhadas por todos (Jorge de Lima), ou considerava que elas eram múltiplas, nenhuma merecendo especial destaque (Jaime de Barros e Otávio de Freitas), para chegar a quem reafirmava a centralidade da França (Álvaro Lins), pontuava a sua perda de importância (Almir de Andrade, Mário de Andrade, Tarquínio, Lúcia Miguel, Guilherme de Figueiredo) ou já nos atribuía a condição de libertos da influência do Hexágono e de Eça de Queirós (Jorge Amado). Astrogildo Pereira, por sua vez, limitou-se a declarar: “Eis uma pequena casa de marimbondos, na qual muito prudentemente eu prefiro não tocar”.⁵¹

Conclusão

O inquérito da *Revista do Brasil*, que se insere na tradição proveniente da jornalística herdada do século XIX, foi realizado numa conjuntura bem participativa. Internamente, o regime Vargas, solidamente instalado no poder, completava dez anos e colocava em marcha vigorosa ação de propaganda política, capitaneada pelo DIP, criado em dezembro de 1939. Nos campos de batalha da Segunda Guerra, os resultados alcançados pelos exércitos nazistas pareciam confirmar a falência dos valores liberal-democráticos, tão ardorosamente defendidos pela publicação. Em julho de 1940, mês em que veio a público a última resposta ao inquérito, a França acabara de sucumbir aos exércitos alemães – em 22 de junho foi assinado o armistício franco-alemão em Compiègne – e a revista, contrariando a praxe, abriu-se com o poema *Por esse céu azul*, do titular da seção *Letras francesas*, Augusto Frederico Schmidt, que fazia as vezes de editorial e expressava o contraste entre um belo dia de maio e a desgraça que se abatia sobre a Europa.⁵²

As avaliações evidenciam as diferentes percepções sobre o movimento modernista, com clara predominância dos que minimizavam seus feitos, negavam-lhe capacidade criadora e esforçavam-se por se distanciar de seus preceitos, avaliações que não podem ser desconectadas das disputas por legitimação no mundo letrado, como parece ser o caso de Jorge Amado, cujo depoimento distingue-se pelo tom bastante duro. A adoção dos termos pós-modernismo/pós modernistas bem expressa o desejo de diferenciação e, ao mesmo tempo, aponta para a indeterminação pois não se conseguia ir além desse marco temporal, que continuava a ter por referência aquilo

⁵⁰ *Revista do Brasil*, Ano III, n. 22, p. 106, abr. 1940.

⁵¹ *Revista do Brasil*, ano III, n. 21, p. 109, mar. 1940.

⁵² SCHMIDT, Augusto Frederico. Por este céu azul. *Revista do Brasil*, ano III, n. 25, p.1-2, jul. 1940.

que tanto se desejava negar e superar.

A diversidade dos depoentes colabora para a composição de uma imagem multifacetada, capaz de expressar os conflitos que atravessavam o campo cultural, com suas hierarquias e lutas por reconhecimento. O quadro é bem diverso do consagrado pela história literária, na qual se apagam arestas e se guarda silêncio sobre as disputas cotidianas, em prol de construções analíticas que ordenam e traçam grandes linhas de força. Assim, o que predomina é o entendimento do movimento modernista como um contínuo, ainda que comportando diferentes fases: a heroica, que remeteria à renovação do projeto literário, e a do pós-1930, na qual a compreensão e a crítica da realidade brasileira assumiriam o primeiro plano.⁵³

Revisitar os termos em que se travou o debate é uma oportunidade para ampliar a nossa compreensão do período e recolocar em cena as múltiplas possibilidades e caminhos que, naquele momento, ainda estavam abertos. Nessa empreitada, os inquéritos constituem-se em fontes valiosas para os historiadores, por fornecerem as percepções das personagens, os embates e as solidariedades vigentes num momento em que o futuro ainda era uma aposta.

Artigo recebido em 20 de julho de 2016.

Aprovado em 12 de novembro de 2016.

⁵³ A respeito, ver: LAFETÁ, João Luiz. *A crítica e o modernismo*. São Paulo: Editora 34, 2000.